

DUPAS, Gilberto. *Ética e poder na sociedade da informação*: de como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Ed. UNESP, 2001. 134 p.

Nada mais atual neste início do século XXI que a discussão acerca das implicações decorrentes das ações humanas sobre a sociedade e o meio ambiente, bem como, sobre suas conseqüências nas consciências individuais, com alterações de fundo e forma no convívio humano. E esta discussão, herança das últimas décadas do século XX, se apresenta carregada pela idéia de que o progresso, tal como se concebeu nos últimos trezentos anos, é ou tem as características de mito. O livro de DUPAS — lançado inicialmente no ano 2000 — que nesta segunda edição recebeu o acréscimo de novo capítulo, o sétimo, trata-se de obra que discorre sucinta e articuladamente de como o capital é capaz de operar de um modo que lhe permite ordenar todas as ações da sociedade segundo o interesse de quem o gere. Tendência predominante dessa gestão tem se evidenciado mais acentuadamente após os anos cinquenta do último século quando surgiram novas técnicas e tecnologias dotadas de condições de autonomizar o funcionamento de máquinas, transferindo parcela significativa de inteligência humana para esses meios imateriais que transformam a riqueza da matéria primária ou do trabalho em lucros e sobrecapital. Desse modo, um grande conjunto de máquinas em todos os setores produtivos passaram a movimentar a economia a partir de simples “inicialização” de um processo. Essa transferência de capacidades humanas para uso atemporal de informação embutida em memória de máquinas deu origem ao que se denomina, nos últimos anos, de Sociedade da Informação, isto é, ao redimensionamento dos domínios do trabalho e renda com o afastamento progressivo do homem de um espaço formal de trabalho. No imediato, as conseqüências são uma crescente consolidação do desemprego, exclusão social, pauperização, subdesenvolvimento, concentração de renda e regressões como a perda do direito ao trabalho e de direitos trabalhistas. Concretamente, está afetada a noção moderna, iluminista de progresso pela qual a humanidade avançaria, de um lado, pela acumulação de saber (produção científica e tecnológica) e, de outro lado, pela aquisição social da capacidade de produzir bens e serviços crescente e permanentemente mais e melhor (compromisso político e econômico) de forma a garantir o crescimento do bem estar e acesso por todos os indivíduos do mundo de renda justa.

É a partir desse fundo amplo que o autor — membro do Instituto de Estudos Avançados da USP — põe em debate os temas ética e poder. Em outros termos ele evidencia questões que demonstram um desmonte do estado moderno que foi uma estrutura criada com a finalidade de regular a existência em sociedade, ou seja, com o objetivo de reduzir as disparidades econômicas e de poder em benefício de indivíduos ou grupos sem o consentimento, ainda que formal, de “todos”. Esta Sociedade da Informação — predominantemente moldada pelos padrões culturais e vivenciais norte-americanos, provocadores de destruição acelerada do meio-ambiente pelo excesso de consumo e liderada pelos projetos econômicos dos Estados Unidos — não tem lugar para todos, pois está centrada na idéia de apropriação individual da riqueza alcançável. Essa postura nega uma ética da cooperação e da partilha e se torna de evidente perversidade ao dar prevalência à noção de que o bem estar é regulado pela quantificação do ter e, ainda mais, quando isto é tomado como objetivo que coloca a ciência e a tecnologia a seu serviço buscando extrair delas o máximo de eficácia no que podem oferecer para a apropriação material.

Ao tratar disso com menção a dados estatísticos, resgate de idéias esboçadas em textos clássicos e modernos, dentre outros, produzidos por filósofos, economistas e políticos, o autor faz nos cinco primeiros capítulos do livro a menção a muitos dos males reais, visíveis, perceptíveis, que vêm sendo produzidos no universo educacional, no mundo do trabalho pela

progressiva simplificação de métodos e técnicas aplicadas aos processos produtivos, gerando dentre outros fenômenos: explosão de informalidade no trabalho, superconcentração de empresas nos setores de tecnologias e comunicação da informação, aquisição de enorme poder político e econômico pelos controladores dos fluxos de informação nas redes globais de capital, fortalecimento dos Estados Unidos no gerenciamento da informação utilizada em nível mundial e espetacularização como modelo atual da vida em sociedade. No sexto capítulo o autor discute em que implica a busca de uma ética para os novos tempos. Nessa discussão em que dialoga com Descartes, William Desmond, Francis Bacon, Balandier, Aristóteles, Karl Jaspers, Jürgen Habermas, Michel Foucault, dentre outros, o autor alia seu pensamento principalmente a Hans Jonas e propõe que se olhe os “princípios da responsabilidade e da realidade” discutidos por este. Diz que Hans Jonas “lembra-nos que, pela primeira vez na história da humanidade, as ações do homem parecem irreversíveis. Critérios de um vago humanismo, colorido por um certo hedonismo ligeiramente otimista e materialista já não bastam para lidar com esses novos poderes” (p. 77). Como apresentado por DUPAS, o pensamento de Hans Jonas admite uma relação pós-moderna com o mundo. Assim, no capítulo 7, ele apresenta a identidade de seu pensamento quando afirma: “a maioria daqueles que, como eu, julgam alinhar-se ao pensamento pós-moderno anseia por uma forma de reunir realidade e justiça em uma única visão, ou seja, fundir seu sentido de responsabilidade moral e política com a compreensão dos determinantes finais de nosso destino. Querem ver solidariedade, poder e justiça materializados na natureza profunda das coisas, na “alma” humana ou na estrutura da linguagem”. No capítulo 8 e final, o autor examina a necessidade de uma nova hegemonia que possa restaurar a sociedade e a legitimidade da ciência na medida em que ambas nesta Sociedade da Informação estão carentes de uma direção política e cultural, na perspectiva atribuída por Antonio Gramsci para a noção de hegemonia. No último parágrafo de seu livro, que pode ser tomado como uma síntese de toda a discussão empreendida nas cento e vinte páginas precedentes, DUPAS afirma: “Talvez o caminho seja, como queria Gramsci, induzir uma reforma intelectual e moral que legitime as direções do progresso; ou, quem sabe, reabilitar o princípio platônico de responsabilidade (...) De qualquer forma, por moral, responsabilidade ou prudência, é preciso buscar condições para que uma nova hegemonia mundial, que inclua mas não se constranja ao capital, possa construir um mundo melhor, utilizando-se dos avanços da ciência em benefício da grande maioria de seus cidadãos” (p. 122-3).

A ambigüidade com que o autor encerra sua apreciação do jogo ético na Sociedade da Informação mostra e reforça a dimensão da problemática. Uma problemática que sugere, como necessária, uma nova consciência dos indivíduos diante de sua relação com o mundo e com todos os demais indivíduos para conter os excessos do poder econômico que hoje domina os quatro cantos do universo. A questão é como fazer isso, quando a própria educação mais que construir a consciência crítica das ações humanas se reduz ou é orientada para formar para a reprodução, para a dependência, para a apatia.

Em sua exposição, o autor nutriu-se de uma perspectiva pragmática dando ênfase à filosofia da responsabilidade, que o situa no campo do ideal, pois é muito mais difícil hoje forjar propostas que superem a uma mera possibilidade.

A obra é recomendável para a leitura de todos aqueles, entre os quais situam-se Cientistas da Informação, Bibliotecários, Arquivistas, Museólogos e estudantes desses campos, que pretendam compreender parte da direção filosófica tomada pela Sociedade da Informação. Os que desejam perceber melhor as várias implicações da Sociedade da Informação nos campos político, econômico e científico e sobre questões éticas, morais e de poder a ela relacionadas não podem deixar de ler este livro.

Professor Francisco das Chagas de Souza, Dr.  
Departamento de Ciência da Informação  
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
[chagas@ced.ufsc.br](mailto:chagas@ced.ufsc.br)